

A SINTAXE DE J. MATTOSO CÂMARA JR.: NOVAS CONSIDERAÇÕES

Valter Kehdi
USP/ABF

Tem-se dado pouca importância à contribuição de Mattoso Câmara no que se refere aos estudos de sintaxe (e, particularmente, da sintaxe portuguesa), considerando-se que os trabalhos do autor se concentraram na fonêmica e na morfologia.

Não se pode, contudo, deixar de reconhecer a proposta mattosiana de uma sintaxe rigorosa, elaborada e, sobretudo, explorável, marcada fundamentalmente pela teoria sintagmática de Francis Mikus. Resenhada por Mattoso Câmara em sua “Crônica lingüística – a teoria sintagmática de Mikus” (inserida nos *Dispersos*, p.62-74), essa teoria reveste-se de capital importância para que se compreendam aspectos básicos da sintaxe mattosiana.

Dentre os seis textos de F.Mikus, mencionados por Mattoso Câmara, o mais explícito e abrangente é o ensaio intitulado “Quelle est en fin de compte la structure-type du langage?”, cujas idéias essenciais resumimos a seguir.

Mikus insiste na necessidade de se depreender a estrutura fundamental da linguagem e afirma, em seguida, que essa estrutura está representada pelo sintagma, que se apresenta em toda a arquitetura da língua. O caráter linear da cadeia da fala impõe à linguagem estruturas específicas unidimensionais, dentre as quais o sintagma merece especial atenção.

Imaginando um estado lingüístico embrionário, vê a linguagem constituída por frases sintéticas primitivas (monorremas, como Cão!, por Vejo um cão!).

Num primeiro momento, esses monorremas apresentam-se justapostos, em séries abertas, sem coerência interna. Num segundo momento, a simples justaposição dá lugar à coordenação: Late! Cão!, com enunciados autônomos. Tem-se, assim, a coordenação por correlação. Em seguida, os dois elementos acabam tornando-se complementares e unem-se em uma espécie de oposição: O cão late (determinado e determinante). Dessa forma, a coordenação é o ponto de partida da sintagmática. Considera que a coordenação, que opera com signos homofuncionais, representa uma sintaxe primitiva, relativamente à construção sintagmática. Esta é caracterizada pela oposição funcional fundamental, de sujeito e predicado, na qual se basearão todas as oposições ulterio-

res, no sentido de que a sintagmática será a sintaxe dos signos heterofuncionais e heterocategoriais.

Ao abordar a sintagmática horizontal ou sincrônica, ressalta que a frase, como todo sintagma discursivo, é uma estrutura lingüística realizada na fala segundo um modelo sintagmático fornecido pelo sistema da língua.

O sintagma horizontal é uma estrutura dialética e livre, e por essas duas características estreitamente ligadas, pode exprimir a multidimensionalidade do mundo. O sintagma predicativo (como qualquer outro) é dialético; é binário, se levamos em conta seus dois termos, o determinado e o determinante, reunidos em oposição dialética (em tese e antítese). São simultaneamente abolidos e conservados pelo terceiro momento dialético, a síntese, que é sempre, em face dos dois termos iniciais, algo novo, uma unidade superior, que não se identifica com a simples soma dos significados dos constituintes. O sintagma horizontal é livre, no sentido de que pode desagregar-se e refazer-se através das comutações que a língua permite. Em oposição a ele, temos as estruturas coordenativas; se, para Saussure, todo estado de língua se reduz às teorias dos sintagmas e das associações (paradigmas), é nestas últimas que se enquadra a coordenação (cujos membros constituem uma série em aberto).¹

Reconhece que, genética, funcional e estruturalmente, o núcleo predicativo é o protótipo de qualquer sintagma e o gerador da sintagmática não predicativa.

A primazia do sintagma predicativo permite ao autor estabelecer dois campos na sintagmática horizontal: a microssintagmática (centrada em torno do sujeito e do predicado) e a macrossintagmática, regidas pelas mesmas leis gerais. Na primeira, levam-se em conta os termos da oração e os microelementos constitutivos destes últimos; na segunda, consideram-se as estruturas sintagmáticas complexas constituídas de vários sintagmas predicativos combinados entre si (conhecida sob a designação de “sintaxe das orações” principais e subordinadas). É na macrossintagmática que funciona o mecanismo transpositivo que permite a passagem das orações autônomas a equivalentes funcionais de termos mais simples.

A transposição é um processo que pode apresentar-se na micro e na macrossintagmática. A título de ilustração, vejamos um exemplo na microssintagmática: em o bracelete de minha mãe, o substantivo mãe (transponendo) funciona como determinante graças ao transpositor de (determinado). Na macrossintagmática, só ocorrem transposições funcionais dos sintagmas predicativos autônomos (transponendos):

¹ Consulte-se, no *Dic. de ling. e gram.*, o verbete sintagma, em que se pode reconhecer, de modo mais visível, a influência de F. Mikus sobre M. Câmara.

Vejo: ele está doente

Vejo que ele está doente,

em que o transponendo é a oração autônoma ele está doente; o transpositor é a conjunção que, e o transposto a oração (que) ele está doente – obj.dir. O determinado é que, e o determinante o transponendo ele está doente.

Ressalte-se que, na teoria de Mikus, se dá especial importância às transposições funcionais. Estas já tinham sido reconhecidas por Charles Bally, em *Linguistique générale et linguistique française*, e também por Lucien Tesnière, no mecanismo da translação, em *Éléments de syntaxe structurale*, entre outros, e representam uma posição geral e sólida em estudos posteriores de sintaxe. Consistem no reconhecimento de dois níveis de estrutura – as básicas e as derivadas – e, mais recentemente, foram exploradas por Emilio Alarcos Llorach, em sua *Gramática de la lengua española* (§§ 291 e 297), bem como por Evanildo Bechara, na *Moderna gramática portuguesa* (p.462 e ss.).²

Pode-se integrar ao quadro de Mikus as considerações que faz Mattoso Câmara sobre dois pares opositivos de relações sintáticas. No primeiro, temos o contraste entre relações necessárias e livres; no segundo, o contraste entre cerradas e soltas. A concordância do adjetivo com o substantivo é, em português, um exemplo de relação necessária e solta, pois o adjetivo pode conectar-se com mais de um substantivo e antepor-se ou pospor-se a este último; por outro lado, a relação entre a preposição e seu conseqüente é cerrada. O emprego dos infinitivos flexionado e não flexionado é, com frequência, a ilustração de uma relação livre, pois o uso de um e de outro é, muitas vezes, facultativo.³ Vê-se, portanto, que os dois pares não constituem compartimentos estanques. Ressalte-se que as relações cerradas e as soltas se associam ao problema da coesão dos termos oracionais e estão, portanto, relacionadas com o mecanismo sintático da colocação. Por sua vez, as relações necessárias e as livres conectam-se mais com a regência e a concordância.

Contudo, cumpre esclarecer que a sintagmática de F. Mikus se concentra, sobretudo, no eixo sintagmático, em detrimento do paradigmático. Como, para Mattoso Câmara, os dois eixos são igualmente importantes⁴, é natural que não se dê uma adesão total à teoria de Mikus. A ênfase no eixo sintagmático justifica, também, a recusa de Mattoso Câmara a uma análise em constituintes imediatos no campo da sintaxe, embora o autor a tenha aceitado no terreno da

² Esclareça-se que, na *Mod.gram.port.*, o mecanismo da transposição está integrado no quadro mais amplo da sintaxe funcional de Eugenio Coseriu.

³ Cf. *Contrib.*, p.64.

⁴ Cf. *Dispersos*, p.57-61 (e, também, p.96-100 e 166-170).

morfologia, onde realiza a descrição das flexões nominal e verbal segundo o modelo do Item e Arranjo (IA)⁵. Ressalte-se, ainda, que as vinculações que o autor estabelece entre sintaxe e estilística o impedem de aceitar uma sintaxe essencialmente formalista.

Em suas considerações sobre o eixo paradigmático, Mattoso Câmara também leva em conta o princípio do binarismo, agora na perspectiva de R. Jakobson. A título de ilustração, mostremos como o autor o aplica aos tempos do subjuntivo em português. Inicialmente, contrapõe o presente ao imperfeito, nas orações subordinadas em geral: “Suponho que seja verdade” / “Supus que fosse verdade”. Aqui, não cabe o futuro e é o imperfeito a forma marcada, em contração ao presente, a forma não marcada; prova-o o fato de ser o presente o tempo empregado em contextos de neutralização. Com efeito, ao lado de “Pedi a ele que viesses”, é também aceitável “Pedi a ele que venha”.⁶

Outra oposição, de valor modal (e não mais temporal, como a acima explicada), dá-se entre o imperfeito e o futuro, nas orações subordinadas adverbiais condicionais (em que fica excluído o presente): “Se fosse verdade, eu partiria sem demora” / “Se for verdade, eu partirei sem demora”. Neste caso, o imperfeito exprime o irreal, enquanto o futuro expressa o potencial. Considerando-se que o imperfeito também pode exprimir o potencial, como em: “Se você viesses amanhã, eu lhe agradeceria”, é a forma não marcada, em oposição ao futuro.⁷ Com relação a este último, assinale-se que tem, em nossa língua, uso restrito, circunscrito a construções que expressam futuridade hipotética.⁸

Na esteira de G. Gougenheim, Mattoso Câmara também reconhece três tipos de oposições entre as formas: as servidões gramaticais, que ocorrem quando o contexto frasal impõe ao falante o uso exclusivo de um morfema, por exemplo, o uso obrigatório do subjuntivo em certas orações subordinadas; as variações estilísticas, quando a escolha entre duas formas possíveis, sem diferença de sentido, é ditada por razões de ordem estilística, ou seja, de expressividade, como no par “o amor e a amizade verdadeira” / “o amor e a amizade verdadeiros”, com dupla possibilidade de concordância; e, finalmente, as oposições significativas, nos casos em que a escolha implica diferença de sentido, como nos exemplos: “...pode-se crer que o dito antipapa procedia em boa fé e sem peca-

⁵ Esclareça-se que a análise em constituintes imediatos corresponde ao modelo do IA.

⁶ Note-se que, em francês, o presente do subjuntivo substitui o imperfeito em praticamente todos os casos, ou seja, é a forma marcada a que tende a desaparecer.

⁷ Lembre-se que, em espanhol, o futuro do subjuntivo foi praticamente eliminado.

⁸ Para uma apresentação abrangente das oposições privativas nos tempos verbais, consulte-se Câmara Jr. – *Estrut...*, p.87-93.

do” (Bern., N.Flor., 3º, 154) (com indicativo) / “Creio que ele seja o nomeado” (com subjuntivo).⁹

Como são as oposições significativas que nos permitem depreender o sentido básico dos morfemas, cumpre também esclarecer como os diferentes tipos de oposição aqui mencionados se articulam entre si. Essa preocupação é fundamental para que se avalie nos devidos termos a obra de Mattoso Câmara *Uma forma verbal portuguesa*, em que o autor enfoca os diferentes empregos da forma em ria, com vistas à depreensão do seu valor básico (modal ou temporal), sem negligenciar os usos marcados pela expressividade, como já o indica o subtítulo: *Estudo estilístico-gramatical*.

Encerrando nossas considerações, queremos salientar que, aqui, foi nosso objetivo levantar aspectos básicos que alicerçam a sintaxe mattosiana e constituem pontos de partida indispensáveis para uma reflexão mais segura a respeito de importantes fatos da sintaxe portuguesa.

Bibliografia

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid, Espasa Calpe: 1994.
- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4.éd. Berne, Francke: 1965.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro, Lucerna: 1999.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3.ed.rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 17.ed. Petrópolis, Vozes, 1996.
- _____. *Dispersos*. nova ed.rev.e ampl. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- _____. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1956.
- GOUGENHEIM, G. *Système grammatical de la langue française*. nouveau tirage. Paris, D’Artrey, 1962.
- KEHDI, V. – *A morfologia e a sintaxe portuguesas na obra de J.Mattoso Câmara Jr.* Tese de livre-docência. São Paulo, FFLCH-USP, 1998.
- _____. “A sintaxe em Mattoso Câmara”. *D.E.L.T.A.* São Paulo, 20: 105-127, 2004 (Vol. 20: Especial).
- MIKUS, F. “Quelle est en fin de compte la structure-type du langage?” *Lingua*, Amsterdam, III (1): 430-470, Feb.1952.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2.éd. Paris, Klincksieck, 1969.

⁹ Cf. Gougenheim, G – *Système ...*, p.99-100.